

# A Perola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—\* Assignaturas\*—  
 Semestre . . . . . 250 reis  
 Com estampilha . . . . . 300 reis  
 vulso. . . . . 30 reis  
 Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Proprietario e Editor  
**Antonio Augusto Veiga**  
 —\*—  
 Composição e impressão, Typ. «Ovarense»—Ovar

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Belle  
 DIRECTOR (Charadístico)—Manoel B. Silva  
 REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes  
 ADMINISTRADOR—Manoel Alves Correia

Os originaes publicanos ou não, não se restituem.

## Concurso de belleza

Prima a nossa terra... de vareiros por ser berço das mais formosas filhas d'Eva de quasi todo o Portugal.

D'esta verdade apenas duvidará quem não teve ainda occasião de percorrer o paiz e admirar por essas terras fóra, aqui e além, as representantes do bello e devoto sexo.

De facto, quem estas linhas escreve, teve muita vez bem sentida e viva a impressão, ao passar por diversas terras, de que se ausentára do paiz das fadas graciosas e esbeltas para o reino dos duendes de feições asperas e grosseiras, meio cambaios e meio corcundas.

Sim, o typo da mulher formosa, da mulher cujo só aspecto já não converte as pedras do caminho em cilícios retalhadores de carnes palpitantes, em grilhões d'accorrentar e domar as feras das paixões—porque os santos d'hoje em dia desconhecem a escada de tão violenta mortificação para subirem ao céu—, esse é nosso, encontrámo-lo ali todos os dias, ou ricamente trajado, quer modestamente vestido; ás vezes pouco menos que andrajoso e não raro pedindo uma esmola.

Já o dr. José Correia Loureiro, citado em 1865 pelo fallecido escriptor de S. Vicente, João R. d'Oliveira Santos, appellidou a mulher vareira pelo seu talho elegante, pela sua formosura, graça e donaire, de andalusa de Portugal.

Estamos certos de que a nossa mocidade d'hoje, embora na sua maioria conhecendo só muito vagamente o que de realce em

coisas de belleza plastica possuem sobre as demais do resto da península, as galantes filhas de Andaluzia, será convictamente da mesma opinião.

A outra, a mocidade de ha trinta ou quarenta annos, se fôrse interrogada talvez que nos respondesse, abanando a fronte calcinada pela neve dos annos: «no meu tempo, sim; hoje... está isto muito mesticado!»

De certo está, pois não é em vão que a nossa villa vem sendo procurada e escolhida para viver, por gente estranha, agradada das suas commodidades e encantos, de ha dezenas d'annos a esta data.

Todavia, ainda hoje ali anda impresso bem saliente, na fronte de muitas das nossas compatricias, aquelle traço da antiga belleza, que tem o condão de provocar a saudade dos nossos velhos e de lhes evocar doces recordações dos tempos da sua já distante juventude.

Pois bem. Nós vamos abrir inquerito entre os nossos leitores sobre quem seja a mulher mais bonita d'Ovar, aquella em quem a belleza mais resplendece, em quem a formosura mais pompeia as suas graças, os seus dons.

Leitores, qual é na vossa opinião a mulher mais bonita da freguezia d'Ovar?

Como vedes a vossa preferida deve ter 16 annos, pelo menos.

Em Ovar ha muitas que se podem com justeza chamar bonitas.

Mas vamos agora a votos: qual é d'entre ellas a que merece o sceptro de rainha? qual a mais bella, a mais bonita, a mais formosa?

N'esta redacção se recebem os votos dos nossos leitores de mais de 16 annos, ate ao dia 25 de dezembro do anno corrente.

Esses votos irão sendo publicados á medida que os formosos recebendo, seguidos das iniciaes dos nomes das mulheres votadas.

Com o voto admitimos tambem o perfil da preferida pela sua belleza, perfil a que daremos publicidade, se o julgarmos em condições.

O voto virá dentro d'um envelope fechado, onde se escreverá por fóra: «Concurso de bel-

leza.» Este envelope será mettido dentro d'outro que virá fechado tambem com a direcção:

«A Perola—Ovar—»

O voto dirá siplesmente: «voto em (F. de tal), moradora em (tal parte). Eu F. de tal, de (tal parte).

Isto é, requer-se o nome e morada da dama em que se vota, e nome e morada do votante.

Voto que não venha n'estas condições não será contado

Haverá tres classificações, que serão dispensadas á mais votada, a qual fica sendo a rainha da belleza e ás duas immediatas.

Os nossos leitores vão ver quão interessante será este concurso, se por ventura n'elle quizerem entrar com toda a sua seriedade.

Nós da nossa parte faremos justiça e esfregar-nos-hemos por que tudo corra como deve, e por solver todas as difficuldades que surgirem.

No proximo numero sairão já os votos que nos fôrem remittidos nas condições acima propostas.

Vamos, queridos leitores, dizai-nos qual é a mulher mais bonita da freguezia d'Ovar?

MARCELLO

## SOLUÇOS

Na sepultura de Annita

Fugiste gentil creança  
 D'este mundo de chimeras...  
 Deixando a grata lembrança  
 Das rosas das primaveras.

Eras linda, meiga flôr,  
 Como um raio de luar.  
 Tiveste da rosa a côr  
 E o seu curto durar.

E eu, que tanto te amei,  
 No teu caixão creança  
 Nem um lyrio desfolheitei...

Perdoa-me ó pomba mansa  
 Pelos beijos que te dei  
 E dorme, dorme descança!...

Lina X. Castro Soares.

## Excursões... comicios...

Excursões... Comicios...  
 As excursões, os comicios republicanos!...

São coisas muito banaes e muito antigas e affirmam, d'uma maneira inilludivel, o atraso e a inconsciencia d'um povo.

Pois quê?!—n'um seculo em que se degladiam ideias, em que a força do direito avança e vae fugindo o direito da força, comprehendese, tolera-se, pratica-se a apothose, o triumpho dos homens, comendo e bebendo por essas terras fóra, no mais boçal convivio de merendas, na mais hybrida promiscuidade d'educações, d'intelligencias e de caracteres?

E o passadô que volta carregado de nostalgia.

Para que são os comicios? Para despertar enthusiasmos por ventura adormecidos?

Qual o fim das excursões? Confraternisar, estreitar, unificar ambições de revolta, tentações extranhas e irrelveladas de reformas pacificas, universaes e urgentes de instrucção e moral? Nada d'isso.

Mas o que são ellas? São as novas procissões das Paschoas republicanas, barbaras e exquisitas, d'um pantheis-

# A Perola

mo de tamancos e d'uma covardia civilisada. São a inconsciencia e a revolta, o calculo, a intolerancia e o fanatismo.

A cruz é o symbolo d'uma religião de paz, de amor e de poesia que as almas rudes não entendem e os maus padres não ensinam e uma bandeira verde-vermelha é a encarnação da Republica com muito menos amor e sem nenhuma poesia, que é o tonico revigorante de cerebros cansados e corações desfeitos das amarguras da vida.

Uma procissão é um Bemdito elevando-se de todos os corações, fugindo de todos os labios, na paz creadora dos campos, para a mansão onde viva o eternamente Justo e Bom e uma excursão d'um partido é uma leva de guerra, o marche-marche de gente insatisfeita, de bocas que querem gritar victoria.

O que é isto tudo? Deslumbramento da ignorancia, e processo effcaz de fazer comprehender, acceitar verdades, metaphysicas, theorias. Tudo symbolos, eternamente symbolos...

Comicios que são? Sermons de quaresma dos partidos que luctam, quando a hora é mais solemne, quando são precisas dedicações, se carece d'espevitado o genio quando de revolta de todos os opprimidos.

Sobem, então, às tribunas os oradores de cartel e n'um retumbar d'exclamações guerreiras e n'um trovejar de crimes de penitenciaría, fazem o panegirico dos seus santos, pintando a todas as cores os seus sacrificios e as suas virtudes.

Santos, heroes, apóstolos d'um Deus, d'um partido ou d'uma theoria que differença vos extrema?

Symbolos... Atraz d'elles vae indo a humanidade pelos seculos fora. Symbolos... E' a eterna condição dos homens, o trambolho do atavismo a prender á terra fecunda e ao passado miseravel e negro, os vôos dos philophos, dos artistas e dos sabios. Criticar, arrazar é facil empreza; mas produzir, crear obra sem defeitos visiveis ás primeiras impressões, original nos seus meúdos detalhes, é da incumbencia dos grandes cerebros, d'aquelles que, vivendo muito de si proprios, pertencem a todos que elles não exploraram.

Que fazer então? Que obra grande e racional se deve principiar?

Esse dinheiro que se gasta em comboios, comezainas, musicas e foguetes; esse tem-

po precioso estragado a vomitar accusações já feitas e a proclamar verdades incontestadas; essas energias, esses talentos desperdiçados tão barbaramente, melhor seria que se aproveitassem na propaganda fecunda e consciente da escola, ensinando cada um a ler e a contar, tornando-o senhor da sua personalidade de livre e o instrumento docil da sua propria vontade soberana. Melhor seria que cada um visse em si os defeitos dos outros e, na aspiração suprema de fazer o bem e attingir a verdade, os corrigisse na medida das suas forças, da sua intelligencia e da sua educação.

E ao morrer, na hora extrema em que a consciencia vê limpamente todo o caminho corrido e a bôca não treme ao dizer as mais perigosas verdades, cada cidadão dirá aos filhos que o imitem no sacrificio e no amor, certo de que cada dia haverá sobre a terra menos crimes, menos fome e mais justiça.

Ora pensem n'isto as gentes da Republica...

10-9-09.

João Madria.

## Serenatas

### NO AZUL

«A est' hora já o Antonio lhe recitou ao ouvido uma oração d'amor, na lingua sonhadora e extatica das coisas desconhecidas, passeando com elle, de braço dado, pelas estradas sem fim, onde é eterna a luz e eterno o sonho. E o Hylario, na guitarra do vento, soluçará...»

As guitarras dizem dores  
Soluçando, ao longe, o Fado.

#### I

Lá no céu também os anjos,  
Por noite alta, em serenata,  
Vão cantando lindas trovas  
Em guitarras d'ouro e prata.

#### II

E á janella das estrellas  
Virgens loiras, recostadas,  
Vão ouvi-los, suspirando  
Como em terra as bem-amadas.

#### III

Outras vezes pelo Azul  
Vão em bando os cherubins,  
Desferindo a traviata  
Nas cordas dos bandolins.

#### IV

E até mesmo o proprio Hylario,  
Com o Nobre sempre ao lado  
Anda á noite pelo Azul  
Soluçando ainda o Fado.

#### V

Almas gemeas, o Destino  
Até lá os traz a par,  
Escrevendo o Nobre as quadras  
Para o Hylario as cantar.

#### VI

Quadras lindas, mais bonitas  
Que as dos loiros cherubins,  
Que d'ouvi-las logo calam  
Os doirados bandolins.

#### VII

E até mesmo as loiras virgens,  
Nas estrellas recostadas,  
Vão ouvi-las suspirando  
Como em terra as bem-amadas.

Coimbra, Agosto de 909.

Fernandes d'Almeida

## O tio Cavadas

(Conclusão do n.º passado)

—Mas ouça! e depois verá como é verdade! insistia o tio Cavadas.

A velha resmungava e deitava-lhe olhares obliquos, cheios de desdenho.

—Vá! vá cural-a para casa! e não esteja a inquietar as almas!...

—O' tia Josepha! não sou eu que o digo, d'isse-o o sr. padre José!

Ora o sr. padre José era o melhor pregador que havia, no conceito da velha. Pertencia ao concelho d'Estarreja e a tia Josepha, quando tinha boas pernas, mettia o seu rosario e duas codeas n'uma sacca e, acompanhada d'este farnel e da graça do Senhor, não perdia um sermão de quantos o sr. padre José pregasse n'aquella redondeza de cinco leguas.

Aquelle era dos taes que não pregava pelos romances, nem fallava á «politega»—como dizia a tia Josepha. Era lá da sua sympathia.

Effectivamente o padre José fallava a linguagem do povo, empregando mesmo os seus mais asperos plebeismos.

—Então que diz o sr. padre José? sempre quero ver...—inquiriu a velha quasi reconciliada com o tio Cavadas, por lhe fallar no padre José.

—Eu lhe conto. Quando foi da semana santa, esse padre é que fez o sermão do encontro.

Por signal que pregou bem. Ouvi-a-se em casa de... Sant'An-

tonio!

E vae depois, quando chegou ali ao meio da parlenda e quando tudo chorava, porque o homem tinha palavrias de cortar o coração ás proprias pedras, sai-se com esta, que nunca me esquecerá: (o tio Cavadas toma a attitude de orador e recita com voz tremula e chorosa). «Mas, que vejo eu? que veem meus olhos? é elle, o doce, o meigo, o innocente filho de Maria! E' teu filho, ó Mãe desolada, que ahí vem cambaleando, carregadinho de madeira até ao caçhaço!»

—Kirieleison, christeleison! perdoai-lhe, Senhor, que elle está bebado!—exclamava a velha horrorisada pelo que acabava d'ouvir.

Punha as mãos, cruzava-as sobre o peito, bñzia-se e fazia outros gestos da sua devoção para socegar a colera de Deus ultrajado e attrahir sobre o prevaricador a sua misericordia.

Entretanto o tio Cavadas seguia, bordejando pela estrada fóra em direcção a casa e dizia:

—E' verdade! Se o padre José me visse agora, havia de pregar-me o sermão do encontro.

Por esta razão é que o alegre e bom velho tinha uma pessoa conhecida que o não via com bons olhos: era a tia Josepha.

ALFREDO.

## Prevenção

Era no leito da morte  
O nobre Lucas Affonso,  
E a mulher, lendo um responso,  
Ao pé do leito jazia.  
De subito o moribundo  
Ergue os olhos razos d'agua,  
E á mulher com muita magoa,  
Suspirando assim dizia:

«Ai! Clelia! da morte escura  
Vou prelar entrar no seio!  
E's bella e rica. Receio  
Que ao consorcio não resistas  
E um mau casamento temo  
Por nossa filhinha Rosa...»  
—«Não temas, lhe diz a esposa,  
Que eu bem sei quem tenho em  
(vistas...»

João Rodrigues d'O. Santos.

## CHRONICA

Não se pode dizer que vivamos n'uma d'essas calmarias pòdres, que tem sido a espaços largos a nossa atmospherá.

Não.

Mas tambem não anda tão agitado o nosso meio que não vá cada um pacatamente, normalmente à sua vida, sem um bofeu de vaga em brava arremetida que o atire de bombordo a estibordo.

A agitação existe principalmente nos espiritos, onde o vento de opiniões desencontradas vai fazendo empinado escarceu de edeias, que se degladiam, entrechocam, e cruzam aggressivas, mas mutuamente innocentes, como rai-vôsos olhares obliquos de antagonistas que a distancia se bombardeiam a canhão de... retina.

E isto porque?

Graças a quem?

Ao fanatismo... politico e religioso.

De forma que a agitação é geral porque é religioso e politico o seu... *pesado* motivo!

Um jornal novo que rebentará ahí hoje defendendo uma nova heresia... entre nós. Heresia... politica.

As progressista, regeneradora e republicana estavam senhoras dos... campanarios da terra que os seus galopins eram os unicos a tanger em horas... de votação.

Viviam em paz, embora em momentos de desconfiança se não largassem mutuamente d'olho.

Transigiam, pela boa harmonia, entre si, afim de darem treguas a desassoceadoras lutas e já mesmo se não lembravam do afastado dia em que umas ás outras buzinassem: «Fóra do nosso gremio não ha salvação possivel... para a patria».

Agora, porém, todas as suas reponzadas paixões e intransigencias de seitas dão signaes de vida... e hostilidade *farouche* contra este rebento heterodoxo... do seus credos.

O inimigo é commum... de tres, e as tres se preparam e mancommunam contra a audaciosa seita que já falla... com as cem linguas d'um orgão na imprensa.

Ellas ahí andam de frente e penna alçadas... ligadas heroicamente pelo fanatismo politico pregando a guerra santa e atirando ás massas com esta proclamação: «esmagne-se a infame!»

Pois não é verdade, leitores? não vedes, não ouvis, não... cheiraes, não... gostaes, não apalpaes a agitação politica e o ardor fanatico dos tres partidos progressista, regenerador e republicano?

Até fazem lembrar os... sete, matando a aranha... que afinal não morreu.

O beaterio tambem não navega em marê de rosas.

Uma questão, segundo uns de moralidade, segundo outros de pennacho fez emperrar da saída da mesa dos Passos o clerigo, que está à frente da associação salesiana entre nós estabelecida.

Para este negocio que em qualquer dos casos era quite de toda

a relação com as crenças e santos, fôram chamados S. Francisco de Sales, religião... e *nabiças*.

D'aqui o andarem n'elle envolvidos o nosso mundo feminino e, ao que parece, os mais ferrenhos inimigos d'aquella trindade.

De sorte que é viva a guerra, metralhando-se as partes contrarias com a... lingua, cortando como pelouro nas reputações e casacas adversas: ao canto da lareira em quanto a ceia fumega e dança no bojo da negra panella, nas lojas de barbeiro enquanto o *mestre* não termina a ultima demão do escañoamento e na praça depois de justa e paga a molhada das couves e a duzia das sardinhas.

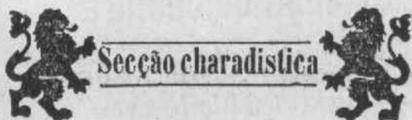
Pois não é verdade leitores que tudo isto vedes, ouvis, palpaes e não gostaes e nem cheiraes, porque tresanda e enoja?

E aqui tendes como toda a nossa villa o presente, freme, escação, ferida, agitada por dois... sensacionaes acontecimentos... que deixam na sombra o celebrado e ultra-ratão incidente «Folle e gaita».

E' que nós cá *num* semos gente de ninharias!

Brrr!...

EDUARDO.



Secção charadistica

## Sport charadistico

Ao assumir a direcção da «Secção charadistica» e desejando eu, não intruduzir n'ella couzas novas, mas antes pelo contrario, manter o que é *velho*, acho oportuno transcrever para aqui com a devida venia algumas considerações do abalizado charadista Lucio Marques, collaborador de muitos jornaes e sob varios pseudonios, e auctor do «Manual do Charadista», tão instructivo como util para aquelles que se dedicam a este sport de pequena litteratura.

Sobre a mania ou capricho que muitos individuos teem, de alterar os nomes das charadas com o que eu nunca concordei, diz Lucio Marques, no seu prefacio—«*Duas razões*».

«Ha um facto que muito convem *attendere* e *ponderar*: é o de muitos-uns por *ignorancia*, outros por *capricho* e ainda outros por *imitação* irem alterando e deturpando a primitiva forma e os *primitivos* nomes de varias especies enigmaticas, appa-

recendo por vezes uma mesma especie, ou variedade mascarada sob as mais caprichozas formas e nomes!

Estes erros precisam ser *combatidos* e *derrubados* aliás seriamos conduzidos a labyrintho tal que servia de sahida impraticavel. Todas as variedades tem a sua forma e a sua designação sagundo o seu inventor as imaginou e apresentou, e essas qualidades primitivas são *outros tantos preceitos* que *devemos respeitar e conservar*».

Isto quer dizer que, as charadas devem manter o seu primitivo nome, *desprezando* nós todas as alterações que lhe fizerem—Assim por exemplo—as charadas «truncadas», «duplas», «paronymas» etc. que respectiva e actualmente se denominam «apheresadas», «homonimicas» e «omographicas» não deixarão de ser—«truncadas», «duplas» e «paronymas» e como estas todas as outras.

N'esta conformidade peço aos senhores charadistas, para mandarem as suas charadas com os seus antigos nomes.

D. S.

## Correio sem sello

A administração da «Perola», foi infeliz quando se lembrou de mim para director charadistico!

Se por acaso a «secção» até aqui andou mal dirigida, d'aqui para o futuro não andarã melhor!

Ao assumir pois a direcção da «secção charadistica» creiam, que, não me passa pela mente a ideia de lhe introduzir melhoramentos; não tenho essas pretenções e além d'isso, faltam-me os recursos e intelligencia. O que porém, e desde já posso garantir é a minha boa vontade em acertar, e ser agradavel a todos os senhores charadistas.

Agradavel, já se sabe, dentro dos limites do razoavel.

A'quelles senhores charadistas que já me dispensaram palavras amaveis mas immercidas, fico-lhes muito obrigado, e ás illustres damas, que tão benevolamente attenderam o meu pedido para collaborarem na «Perola» protesto aqui, o meu mais profundo e respeitoso agradecimento, especialmente á distincta Ailema, pela sua captivante benevolencia, e forma como me distinguiu.

Assim, a «Perola» julga-se dittoza por se ver cercada d'outras perolas.

Para o proximo numero abri-

remos novo concurso a premio.

A todos os senhores charadistas pedia para mandarem produções, porque o «stock» já se esgotou,

Outro sim, pedia, para nas charadas em verso, resumirem o mais possivel o numero de quadras.

A secção d'hoje é pequena, devido ás charadas em verso, que publico, por consideração aos seus auctores, occuparem muito espaço.

As charadas que até aqui vinham em papelinhos, devem vir, n'uma ou em 1/2 folha de papel—isto não só para boa regularidade, como tambem para interesse dos senhores charadistas.

Ailema e Anileta. Peço a V. Ex.<sup>as</sup> a gentileza de mandarem produções para os seis n.<sup>os</sup> do coucurso. Muito obrigado.

D. S.

## Aviso

Toda a correspondencia relativa a esta secção, deve ser enviada ao seu respectivo director Manoel Duarte da Silva—Rua de Santo Ildefonso numero 264 1. Porto.

Tambem avisamos os seguintes charadistas: Timbira, Arnobio, Pinheiro, Eurico de Souza, Dr. Misterio, Rei Negro e Barbas de Bagaço, que findou já o stok.

Esperamos as ordens de V. Ex.<sup>as</sup>

## Charadas em verso

(Dedicada ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. M. Duarte Silva)

Sou uma parte do corpo  
Medida e haste de flor 1  
Esta agora symbolysa  
Fidelidade e amor 2

Por preconceito de castas  
São as pretas desprezadas  
Aqui succede o contrario,  
As brancas são mais vulgares  
As pretas mais estimadas.

Ponte do Sor Ailema

# A Perola

Aos Ex. <sup>mos</sup> collaboradores da «Perola» 9	4	Ao ditoso Timbira	Em phrase	lheita foi em menor abundancia 2
Esta arvore tão gentil 3 Que todos acham bonita 3 D'elle tudo se aproveita Quem a tem goza essa dita.		No ultimo concurso, Na «Perola» encantado, Foi o vosso talento Deveras premiado.	5 A halsa que está em casa é para polir 3 1	Porto Joteba.
Quando pela Beira passei N'esta terra pernoitei		Jupiter no Olympo. 1 Ficou tão assombrado, Que mandou «A Perola» Seu voto penhorado.	6 Procuras na vasilha o gros- seiro? 3 2	Truncadas
Ponte do Sor Anileda.		Em se prazer não tive, 2 Em vos ver premiado Quera inda assim que sejas Por mim felicitado.	7 O quadrupede do Brazil fere a nota do bezerro 2 1	10 Do peixe colhi uma boa fructa 2
3 (A' minha querida irmã Candida Caldas)		Um chi mui do coração D'aqui mando com fervor, Juntando á flicitação, Que tendes sorte e valor.	8 3 Quem não tiver uma arte é ingnorante 2	11 Na minha rezidencia ha uma ermida 3
Eu suspiro por ti, rosa purpurina, Ao ver teu rosto gentil, sereno e lindo, Que com a sua frescura matutina Dá alivio ás dores que vou sentindo.		Comtudo não sois campeão, Por a sorte vos distinguir, Não ha-de vir longe o dia Que tambem nos ha-de sorrir.	9 (Ao charadista Timbira) Meu senhor; d'esta vez a co-	12 Com esta moeda comprei um peixe 3
O teu melgo olhar, riso carinhoso, Penetra como a terna luz do dia No meu peito triste e melindroso, Dissipando-me a fera melancolia.		Charadista primoroso Sois, e com ufania, D'isso tenho eu a certeza. Brinda-vos leal, mimoso, Com extrema galhardia, O charadista	10	Carcosmor.
Tendose sorriso, ebeto de ternura. 2 Mostra teus olhos tão encantadores, Semeados entre o rubor da alvura.			11	Biformes
Galhardas d'adivas da mãe natura 1 Que alem d'esses olhos tão seductores Deu-te uma alma amavel e pura.			12	Quilha é um apoio 3
Arcos Rei Pum.		Odeveza.	13	S. Thiago
			14	Barbas de Bagaço.

## Nova loja de fazendas

DE MANOEL ALVES CORREIA

Rua da Graça

OVAR

N'este novo estabelecimento encontrará o publico um variado sortido de fazendas, taes como:

Pannos crus, riscados, pannos patentes, morins, o que ha de melhor, ultima novidade em flannels d'algodão, sephires setinetas, o que ha de mais chics: cobertores d'algodão, gurdasoes para homem e senhora, de fina sêda e alpaca, bengalas (novidade). Um saldo de phantazias ou castelletas e bem assim um grande sortido para estação de verão em cazemiras e cheviotes para factos d'homem, colletes de phantzia, etc., etc.

Tudo por preços baratissimos!

## MACHINAS DE COSTURA

As machinas de costura «Original» d e *Frister Rossmann*, rivalisam com todas as outras. Ha tambem machinas e accessorios para as mesmas, a preços muito resumidos.

Unico depositario em Ovar—*Americo Peixoto*

Concertos gratis a todas machinas compradas n'esta casa

## Machinas de costura

As machinas de costura de original *Ideal*, são as melhores; tanto para coser, como para bordar.

Estas machinas são as mais distincats que se fabricam na America.

Unico depositario em Ovar

*Ludgero Peixoto*



## Officina de calçado

de  
*Manoel Rosas*  
Travessa da Fonte—Ovar

Officina de Carpintaria e Marcenaria

de  
*José Rodrigues Faneço*

Rua dos Ferradores—Ovar

## A PEROLA

Jornal litterario—quinzenal

Anno 1 Quinta feira 16 de Setembro de 1909 N.º (29)- 17

Snr \_\_\_\_\_